Luis Antonio Baptista
Marcelo Santana Ferreira
(organizadores)

QUE
ADE?

EXPERIÊNCIA
ETIVIDADE

POR
ACIDA

ESCRITOS SOBRE
URBANA E SUBJ

Editora da UFF

comunidade expressiva fazendo o tempo transitar ao concentrar e armazenar.[7] A bisavó já faleceu, mas o seu bolo com cobertura de laranja segue sendo feito. As marcas expressivas ficam no tempo que durarem os materiais ou as práticas (edifícios, livros, instituições, receitas, hábitos) transitam gerações e fazem, como diz Munford (2008, p. 678), o tempo correr "para diante e para atrás".

> Por meio de seus documentos, de sua história escrita e de seus hábitos ordenados de associação, a cidade aumentou o âmbito de todas as atividades humanas, estendendo-as no tempo, para diante e para trás. Por meio das duas disponibilidades de armazenagem (prédios, porões, arquivos, monumentos, tabuinhas, livros), a cidade tornou-se capaz de transmitir e aumentar essa herança (MUNFORD, 2008, p. 678).

O fato de um ponto fixo dar a possibilidade de armazenar possibilita a invasão de diversos tempos em um lugar, através de marcas expressivas deixadas e conservadas em matérias inanimadas. Deleuze e Guattari (2005), em *O que é filosofia?*, explicitam que a arte é capaz de guardar a sensação de forma autônoma em um suporte material. Ela ganha autonomia - ela independe de quem a fez - ao ficar impressa em um suporte que tem uma duração de tempo. Dessa maneira, as marcas expressivas dão possibilidade à sensação de ser transmitida de forma independente, isto é, ela pode ser transmitida de forma autônoma tanto de quem quanto do instante que a produziu.

> [...] que se conserva, de direito, não é o material, que constitui somente a condição de fato; mas, enquanto é preenchida essa condição (enquanto a tela, a cor ou a pedra não virem pó), o que se conserva em si é o percepto e o afecto. Mesmo se o material só durasse alguns segundos, daria à sensação o poder de existir e de se conservar em si, ***na eternidade que coexiste com esta curta duração***. (DELEUZE; GUATTARI, 2005, p. 216, grifo do autor).

A comunidade da cidade não é formada apenas pelo encontro dos homens, mas também por suas marcas que reverberam no ponto fixo. Até hoje a sensação de uma pintura rupestre reverbera em uma caverna, como até hoje uma igreja gótica pode expressar a força de uma reverência a Deus. Como diz Roncayolo (1986, p. 397), "no termo cidade,

mais do que o rigor de um conceito, acumula-se uma grande soma de experiências históricas".

A cidade – sendo ponto [fixo] de encontro - se produz e expressa sua potência em um paradoxo: ela conserva e transforma a sensação em um dinamismo que a amplia tanto ao reverberar a sensação no outro [coletivo], quanto ao inventar e imprimir marcas expressivas em matérias inanimadas [arte]. Dito de outra forma, ao multiplicar sensações a potência da cidade apresenta-se na sua capacidade de estimular invenções ao mesmo tempo em que guarda marcas expressivas.

Muitas das primeiras cidades surgiram em estradas importantes; novas Ideias e invenções, naturalmente, convergiam para elas. O simples fato de um grande número de especialistas encontrar-se concentrado em uma pequena área incentivava a inovação, não apenas técnica , mas também as Ideias religiosas, filosóficas e científicas. Ao mesmo tempo, as cidades serviam como baluarte da tradição. Algumas, como por exemplo Jerusalém e Benares, tornaram-se santas aos olhos do povo (SJOBERG, 1972, p. 43).

Ao mesmo tempo em que opera como suporte de criação de distintos modos, a cidade funciona como dispositivo que desestabiliza modos já colocados. Esse potente paradoxo da cidade está presente no Troca de Segredos não apenas por apostar na Ideia de comum e de contágio das experiências, mas por produzir marcas narrativas que guardam para transmitir as sensações impressas em um segredo. É na rua, no lugar mais "comum" da cidade que o carrinho passa e que transmite as marcas deixadas e trocadas.

Guardar não se opõe a transmitir, contagiar para transformar, criar e ampliar sensações é a grande potência estética e política que a cidade ensina. Trocar segredos é de um lado estimular esse dinamismo inerente e de outro problematizar movimentos urbanos a favor de uma cidade apenas funcional e que nos aparta do comum como ponto de intercâmbio de experiências. É no ponto fixo da narrativa que a experiência do troca de segredos transita na cidade.

Narrativas circulambulantes

"Não tenho nenhum segredo não". Estaria o mistério destituído de qualquer sentido na racionalidade contemporânea? "Segredo? De onde

vocês são, o que estão fazendo? São estudantes não é?". Seria a cidade feita de identidades acabadas, palco de atividades encerradas em objetivos definidos? Poderíamos ainda dela nos servir para perder-nos, não apenas dos caminhos que já conhecemos, mas especialmente de nós mesmos? "Não tenho tempo para essas bobeiras". Quais são as apostas ético-políticas quando nos colocamos a intervir/pensar com a cidade?

A cidade reserva surpresas, desacomoda o pensamento, desfaz nossos planos. Foi na prática tática, na experiência do corpo-a-corpo que a cidade nos ensinou que os segredos que buscávamos trocar não estavam prontos. No mais das vezes os segredos eram construídos lado a lado em uma conversa provocativa. Esse detalhe, desconhecido pelo grupo quando inicialmente saímos às ruas, nos aponta duas questões. A primeira é relativa ao estatuto do impessoal – do comum em uma intervenção que se propõem a trocar segredos e a segunda relativa ao que Walter Benjamin (1996) alerta como enfraquecimento da experiência narrativa que cede lugar ao contato informativo com o mundo.

> São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências (BENJAMIN, 1996, p. 198).

Com bastante frequência os participantes partiam de uma fala de cunho pessoal, por vezes moral ou apenas informativo. "Meu segredo é que traí meu marido", "meu segredo é que eu sonhei com um lugar e fui lá." Ao escutar tais segredos tínhamos duas opções: registrá-los assim como chegavam a nós ou lançar-se na empreitada de agregar através da conversa elementos impessoais, construindo assim, uma pequena narrativa que substituísse a história íntima ou a informação generalista. Se o comum que estamos afirmando aqui não é produzido apenas pelo contato físico entre corpos tampouco está associado apenas a troca de informações ou identificação de uma moral comum que estabelece certas regras de conduta binarizando a vida entre permitido e proibido. Comum não é partilhar das mesmas regras, do mesmo saber é antes abrir espaço em si e no outro para estar junto, estar com, reverberando sensação, neste caso, tecendo histórias que possam guardar a dimensão sensível e transmitir a experiência impessoal e comum a ela inerente.

> A informação recebe sua recompensa no momento em que é nova; vive apenas nesse momento; deve se entregar totalmente a ele e, sem perder tempo, a ele se explicar. Com a narrativa é diferente: ela não se esgota. [...] É parecida aos grãos que, há séculos, estão hermeticamente armazenados nas câmaras das pirâmides e que, até o dia de hoje, conservaram seu poder de germinação. (BENJAMIN, 1996, p. 204)

No "troca de segredos", ao construir "com o outro" as narrativas secretas intercambiadas produzia-se um plano comum, onde as histórias (segredos) ganhavam abertura para na conversa travada retornarem ao plano de produção de uma nova história. Nessa nova história "trair o marido" pode ganhar detalhes de uma luminosidade experimentada naquele dia, de um cheiro encontrado naquela pele, de uma rua descoberta por um beijo. Se o mistério que fazia da traição um segredo localizava-se nos limites da moral, contornado pelas linhas da vida privada, a possibilidade de narrar e trocar sensações, lugares, trajetos experimentados arrebentam esses limites. Amplia-se então a experiência do contador para ele mesmo e para a cidade. Para ele mesmo na medida em que à traição agregam-se aspectos dessa experiência antes soterrados pela força moral que a capturava em um único sentido. Para a cidade ao guardar – através do registro da narrativa secreta - e posteriormente transmitir as mãos de outro trocador não apenas a informação de uma traição genérica ocorrida e sim as singularidades de uma experiência comum.

Elementos impessoais, narrados a dois, nascem da dimensão inacabada que introduzimos em uma história quando ela é devolvida a esse plano comum de onde saiu e para onde pode sempre voltar.

> Como descrever esta atividade narradora que salvaria o passado, mas saberia resistir a tentação de preencher suas faltas e de sufocar seus silêncios? Qual seria esta narração salvadora que preservaria, não obstante, a irredutibilidade do passado, que saberia deixá-lo inacabado, assim como igualmente saberia respeitar a imprevisibilidade do presente? Uma narração cuja dinâmica profunda não deixa de lembrar esse movimento paradoxal de restauração e de abertura que descreve o conceito benjaminiano de origem. (GAGNEBIN, 1999, p. 63)

Dissemos anteriormente que o vigor da cidade repousa em sua paradoxal qualidade de guardar marcas expressivas em um ponto fixo

e possibilitar com isso a transmissão e contágio de sensações engendrando uma memória comunitária que se afirma pelo encontro entre diferentes camadas de tempo no espaço. Ou seja, partilhar memória na experiência urbana é a um só tempo, fixar sensações em marcas e transmiti-las através do encontro. Retomando aqui o sentido de comum, como partilha do sensível, diremos que a narrativa, enquanto forma de contar um segredo fortalece a cidade em sua dimensão de comunidade que aqui estamos apontando como estética e política.

A escolha por tecer histórias e não apenas registrar os segredos inicialmente relatados aponta para um posicionamento ético-político na intervenção urbana. Quando vamos às ruas estamos comprometidos, engajados, implicados (ainda que ignoremos isso) na produção de modos de experimentar a cidade, de fortalecer ou enfraquecer discursos, movimentos e espaços. Nesse sentido tanto ao criar um dispositivo que guarda e transmite segredos ao circulambular na cidade carregado por um corpo tático; quanto no apontamento de buscar uma sensação comum a cada construção de narrativa colocando-se ao lado do transeunte não são neutros.

Nas ações do Troca de Segredos está contido um posicionamento político que visa estimular ao encarnar feito ponto de encontro uma cidade - uma vida - sensível, inventiva, aberta em contraposição a uma cidade funcional, padronizada e fechada. Para que a cidade está sendo produzida? Para que são feitas as intervenções urbanas de hoje? Para que sentido estão voltadas práticas atuais? Quais são os corpos, isto é, os modos de vida que estão sendo estimulados? Que contágios as cidades cada vez mais proporcionam? Por que cidades? Estarão elas induzidas para narrar e contagiar sensações?

NOTAS

1. A intervenção urbana *Troca de Segredos* foi realizada por um grupo formado por Cristina Ribas (artista plástica,), Cristiane Knijnik (psicóloga), Iazana Guizzo (arquiteta) e Julio Callado (artista plástico) primeiramente no evento *Corpocidade* (2008) em Salvador e depois na cidade do Rio de Janeiro no evento *A Rua é Nossa, É de Todos Nós* (2009).

2. Na própria etmologia encontra-se uma possível definição: "polis provém de uma palavra que significa cidadela e liga-se a politéia. Civis evoca originariamente o parente, o companheiro, ou melhor, a associação, na cultura clássica do Ocidente, das noções de polis e de cidade" (RONCAYOLO, 1986, p. 397). Politéia era o termo usado para se referir as cidades antigas gregas que possuíam uma assembléia de cidadãos.

3. Uma grande cadeira com rodas feita para transportar de um lugar a outro é o modo como o Grupo TR.E.M.A.,coletivo de investigação urbana que existiu na capital cearense entre 2006 e2008, curiosamente chamava os ônibus urbanos em Fortaleza.

4. A aldeia se dá na transição do período paleolítico para o neolítico onde o homem passa ter morada fixa aderindo ao recurso da agricultura. Atribui-se as aldeias encontradas na Mesopotâmia 4.000 a.C. a origem das cidades em registros que precede a própria "revolução urbana, situada por Gordon Childe (1957) na Mesopotâmia do III milênio a.C., nos vestígios arquiológicos de Jericó ou de Çatal-Hoyuk (Anatólia)" (RONCAYOLO, 1986, p. 397).

5. Para tal afirmação Janice Caiafa (2007) refere-se à Munford, Deleuze, Guattari e Virilio.

6. Suely Rolnik (2004), no artigo "'Fale com ele' ou como tratar o corpo vibrátil em coma", faz uma distinção entre sensível (percepção do mundo pelos órgãos do sentido) e sensação. Ela apresenta um paradoxo irresolúvel entre dois modos potentes na subjetividade de apreensão do mundo como matéria: um pelo desenho de uma forma e outro por um campo de força. "Conhecer o mundo como forma convoca a percepção, operada pelos órgãos do sentido; já conhecer o mundo como força convoca a sensação. Engendrada no encontro entre o corpo, como carne percorrida por ondas nervosas, e as forças do mundo que o afetam" (ROLNIK, 2004, p. 232). Utiliza-se aqui nesse texto a palavra sensação, no sentido descrito por Rolnik, isto é, a sensação como presença de uma alteridade radical e irrepresentável que desestabiliza as formas subjetivas vigentes.

7. O conceito de lugar, nesse caso, refere-se a uma "porção de terra" desvinculada de sentido. Compreende-se que este último não é fixo ou pré-determinado e sim emerge a partir das relações.

8. Essas características de concentrar e armazenar não estão colocadas apenas quando tratamos de marcas expressivas, mas também quando as marcas são de outra ordem, como de registros institucionais, funcionais, acumulativos, de demonstração de poder, entre outras.